

## Papa Francisco e a educação para a fraternidade

Prof. Paulo César de Oliveira

### Introdução

A educação sempre foi uma grande paixão de Jorge Mario Bergoglio; basta olhar para sua biografia. Um ano depois de sua eleição como Pontífice, encontrando-se com a escola italiana na Praça São Pedro, o Papa Francisco disse: "Eu amo a escola, e vou explicar por quê?". Naquela ocasião, pela primeira vez, ele falou sobre a "aldeia" da educação. Aldeia no sentido de pertença, sem exclusão de ninguém.

Desde que assumiu o pontificado, o Papa Francisco tem recordado, reiteradamente, a necessidade de uma colaboração, em nível educativo, para o cuidado da «casa comum». Isto se verifica, por exemplo, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (nn. 23 e 87), na encíclica *Laudato si* (n. 215 e 220), e no discurso de 09 de janeiro de 2020 ao Corpo Diplomático da Santa Sé. Neste discurso ele diz claramente:

*“Toda mudança, como a de época pela qual estamos passando, exige um caminho educativo, a constituição de uma aldeia educativa que gera uma rede de relações humanas e abertas”.*

Quais as características desta aldeia educativa? Esta aldeia deve:

- Colocar a **pessoa no centro**;
- Fomentar a criatividade e a responsabilidade por **projetos duradouros**;
- **Formar pessoas** dispostas a se colocarem a **serviço** da comunidade.

Em razão disso, faz-se necessário pensar um conceito de educação que abarque o amplo leque de experiências de vida e processos de aprendizagem e que permita aos jovens, individual e coletivamente, desenvolver a sua personalidade.

Em 12 de setembro de 2019, no lançamento do pacto educativo, o Papa Francisco convidou a todos aqueles que trabalham no campo da educação nos diversos níveis (acadêmico, institucional, pastoral e social), para elaborar juntos um **pacto educativo global**.

O evento foi adiado devido à Covid-19. A pandemia tornou o apelo do Santo Padre ainda mais urgente: precisamos unir nossos esforços pela casa comum, para que a educação seja criadora de fraternidade, paz e justiça.

## 1. O conceito de Educação

O papa considera que o termo educação não significa “mera transmissão de conceitos”. Essa é uma visão iluminista da qual o pontífice não participa.

Educar significa:

- “integrar a linguagem da cabeça com a linguagem do coração e a linguagem das mãos”.
- É deixar o estudante pensar o que ele sente e o que ele faz, sintá o que ele pensa e o que ele faz, faça o que ele sente e o que ele pensa.

Trata-se de um pacto que envolve famílias, escolas e instituições.

A educação não é técnica. Quando a educação se reduz à técnica, leva a um progressivo e perigoso esgotamento da vida, em todas as suas expressões. Não se pode reduzir a vida a um processo técnico. Há técnica para tudo: para leitura, para mastigação, para cada esporte, para a animação cultural, para realizar um encontro. Onde fica a espontaneidade, a criatividade?

Isso é resultado da modernidade que esqueceu a linguagem do coração. Faz-se necessário resgatar os sentimentos na educação. Os sentimentos são um elemento da verdade na nossa relação com nós mesmos, com os outros e com Deus, mas também são um sinal de alerta de um mal-estar.

A sabedoria bíblica nos convida a manter conhecimento e afeto, coração, inteligência e fé intimamente unidos. E não de forma abstrata e teórica, mas por meio de narrativas que enfatizam os **sentimentos: eles são o lugar de avaliação e decisão**. Pensemos, por exemplo, na '**alegria**' dos sábios ao verem a estrela (Mt 2,10), ou na '**tristeza**' do jovem rico ao se deparar com a proposta de deixar tudo e seguir Jesus (Lc 18,23), ou no '**medo**' de Pilatos ao saber que Jesus se proclamou Filho de Deus (Jo 19,8). Os discípulos de Emaús, recordando o encontro que tiveram com o Senhor, inicialmente não reconhecido, são tocados, sobretudo, pelos ecos afetivos das suas palavras: "Não **arderam** em nós o nosso coração enquanto ele falava conosco?" (Lc 24:32).

Paulo Freire nos dizia que a educação muda pessoas e pessoas mudam o mundo. É mudando a educação **que o mundo pode ser mudado**.

## 2. Os lugares da Educação

Quando tratamos o tema da educação, a questão do lugar se torna essencial. Por lugar entendemos os espaços onde a educação ocorre. Esses lugares sempre foram decisivos e podem ser identificados como na família, as instituições e as escolas. A LDB fala de outros espaços: como a convivência humana, o trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, os movimentos sociais e organizações da sociedade civil e as manifestações culturais.

O que me chama a atenção é a constatação do Papa de que esses lugares encontram-se hoje **em profunda crise. São lugares** considerados negativamente pela cultura de hoje, obsessivamente voltada para si mesma.

Em razão dessa crise presenciamos uma crescente **fratura do pacto geracional** entre adultos e jovens. O Papa menciona explicitamente as **situações problemáticas** em que se encontram os pais, em grande parte abandonados a si próprios e sujeitos a um ritmo de vida cada vez mais estressante, e também a difícil tarefa dos professores ("sempre mal pagos").

Essa **fratura** se verifica nas sociedades mais abastadas no assim chamado colapso demográfico. As famílias estão tendo cada vez menos filhos. A crise demográfica constitui um sinal de uma crise mais geral da civilização. Trata-se de uma crise de futuro, de não querer continuar a viver nos outros.

Se nós tivermos desconfiança do futuro, teremos dificuldade em educar, em transmitir um patrimônio de sabedoria que nos dê a segurança de que vale a pena viver.

Esta **desconfiança do futuro** reflete-se assim na crescente **dificuldade em educar**, em **transmitir** às gerações seguintes um **patrimônio de sabedoria** adquirido pelo qual vale a pena viver.

## 3. A desconfiança do futuro

A questão do futuro nos faz pensar no tempo. E foi Santo Agostinho (354-430) quem primeiro enfrentou a questão do tempo com empenho único: "*O que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; se alguém me pergunta, eu não sei dizer o que é*" (*Confissões* XI, 14). Para resolver a questão, Agostinho avança refletindo sobre as três fases, segundo as quais o tempo se manifesta: passado, presente e futuro. Nessa reflexão ele descobre em si próprio, que o futuro ainda não é, enquanto que o passado não mais pode ser. Por isso,

passado e futuro não possuem, em si, nenhuma existência. É graças ao presente que, tanto passado quanto futuro, fazem parte de nossa vida. Sem o presente, passado e futuro nada são. O presente conserva o passado e antecipa o futuro. Isso acontece graças ao homem e às suas faculdades cognoscitivas: a memória, que conserva o passado, a esperança, que antecipa o futuro, e a intuição, que colhe o presente.

Portanto, o tempo não existe fora do homem; o tempo existe somente no homem. É, justamente, na nossa mente que se encontram passado, presente e futuro: é a memória, como presente do passado; a intuição, como presente do presente; e a esperança, como presente do futuro (Cf. *Confissões* XI, 20).

Hoje, o **futuro é visto cada vez menos** como o **lugar do planejamento** e da **esperança**, mas sim como um universo de **medos e preocupações**. É duro constatar que o aumento do **bem-estar aumentou a tendência ao recolhimento em si mesmo**, a ponto de perder o prazer de viver.

Neste sentido, causou preocupação quando a **primeira-ministra britânica Theresa May**, em 18 de janeiro de 2018, **nomeou um 'ministro da solidão'**. A solidão tem efeitos danosos para a saúde. Não se trata aqui da “solidão povoada” de que falava São João da Cruz. Basta ver os dados da Organização Mundial da Saúde para verificar como cresce o número dos deprimidos e de comportamentos suicidas, inclusive entre jovens e adolescentes!

#### **4. A proposta do Papa Francisco**

A reflexão do Papa Francisco indica um dos caminhos que a Igreja - mas também toda a humanidade - é chamada a empreender: um **Pacto Global pela Educação**, um “**Pacto para gerar mudanças em escala planetária, para que a educação seja criadora de fraternidade, paz e justiça**”. Com a proposta do "pacto educacional global", o Papa Francisco nos diz que é sempre a hora da educação,

Na exortação *Evangelii Gaudium*, o Papa pediu para desenvolver uma **cultura do encontro**, em *Laudato si* 'para educar na aliança entre a humanidade e o meio ambiente e nos Irmãos todos desejam um pacto social e cultural.

Para fazer um "pacto" é necessário encontrar, aceitar e identificar valores e objetivos comuns, sobre os quais trabalhar juntos. Além disso, o pacto deve ser "global", ou seja, não excluir ninguém e não se fechar nas suas particularidades.

O objetivo é despertar a consciência e uma onda de responsabilidade pelo bem comum da humanidade, começando pelos jovens e alcançando todos os homens de boa vontade.

Com este pacto estaremos **construindo o futuro do planeta, mediante um caminho educativo que concretize uma nova solidariedade universal e sociedade mais acolhedora.**

Trata-se de um caminho de “ecologia integral”, em que o valor de cada criatura é colocado no centro, em relação às pessoas e à realidade que a cerca, e é proposto um estilo de vida que rejeita a cultura do desperdício.

O Papa fala de uma "**catástrofe educacional**"; por isto, este pacto é necessário. Esta catástrofe aumentou com a pandemia em milhões de crianças foram obrigadas a abandonar a escola. A crise económica gerada pelo coronavírus aumentou o fosso educacional entre as classes sociais.

Do ponto de vista escolar, procurou-se reagir à pandemia com o acesso a plataformas educacionais e informáticas, que no entanto têm apresentado uma “acentuada disparidade de oportunidades”.

“É hora”, portanto, enfatiza o Papa, “de assinar um pacto educacional global para e com as gerações mais jovens, que envolva famílias, comunidades, escolas e universidades, instituições, religiões, governantes, toda a humanidade, na formação de pessoas maduras”.

Neste pacto, precisa ficar claro que os espaços educativos não podem se conformar à lógica da repetição, de resultados padronizados. Eles devem ser capazes de gerar “processos criativos” nos quais a hospitalidade, a solidariedade intergeracional e o valor da transcendência são os alicerces de uma nova cultura. Neste pacto, precisamos resgatar a esperança, uma esperança solidária.

### **Considerações Finais**

A educação é antes de tudo uma questão de amor e responsabilidade que se transmite de geração em geração.

A educação, portanto, se propõe como o antídoto natural para cultura individualista, que por vezes degenera num verdadeiro culto do ego e do primado da indiferença.

O nosso futuro não pode ser a divisão, o empobrecimento das faculdades do pensamento e da imaginação, da escuta, do diálogo e da compreensão mútua.

Em termos concretos, o compromisso que o Papa pede se expressa em alguns pontos:

- A) colocar a pessoa e a sua dignidade e capacidade de relacionamento com os outros no centro de todo o processo educativo.
- B) ouvir a voz das crianças e dos jovens para construirmos juntos um futuro de justiça e paz.
- C) ver a família como primeira e indispensável educadora.
- D) acolher os marginalizados.
- E) compromisso de encontrar outras formas de compreender o econômico, o político e o progresso para que estejam a serviço da família humana na perspectiva de uma ecologia integral.
- F) cultivar a casa comum com estilos mais sóbrios de acordo com os princípios da subsidiariedade, da solidariedade e da economia circular.

O **ponto de referência deste projeto educativo** é a doutrina social que - assinala - inspirada nos ensinamentos da Revelação e do humanismo cristão, se oferece como "**base sólida**" para encontrar caminhos diante da atual situação de emergência.

Na encíclica "Todos irmãos" se fala de coragem de "gerar processos"; isto consiste em recriar "o tecido das relações a favor de uma humanidade capaz de falar a linguagem da fraternidade". Trata-se de ouvir o grito das novas gerações por um caminho educativo renovado, que "não volte o olhar para o outro lado", favorecendo "graves injustiças sociais" e "violações de direitos".

É imperativo evitar que os jovens corram o risco de cair na a solidão e na desconfiança do futuro. Não podemos ficar indiferentes ao "flagelo da violência e dos abusos de menores, aos fenómenos das crianças noivas e das crianças soldados, à tragédia dos menores vendidos e escravizados".

Na história, recorda o Papa Francisco, há momentos em que decisões fundamentais devem ser tomadas, especialmente levando em consideração os possíveis cenários futuros.

Portanto, devemos ir em frente: todos juntos, cada um como é, mas sempre olhando juntos para a frente, rumo a essa construção de uma civilização da harmonia, da unidade, onde não haja espaço para essa pandemia da cultura do descartável.